

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 8, Número 1, Jan.-Jun., 2019

A RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE LAR EM QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE



RETHINKING THE CONCEPT OF HOME IN QUARENTA DIAS, BY MARIA VALÉRIA REZENDE

DANIELA SCHRICKTE STOLL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 29/04/2019 • APROVADO EM 05/06/2019

Abstract

This article aims to demonstrate how the novel *Quarenta dias* (2014), by Maria Valéria Rezende, makes us rethink the concept of home, usually associated with the feminine and with maternal protection. Alice is a retired teacher who moves from João Pessoa to Porto Alegre at the request of her daughter, Norinha, who planned to be a mother and wanted full-time help. A disagreement with her daughter moves Alice into the streets of Porto Alegre, as she becomes an urban walker for forty days, sleeping in the streets, homeless. She explores the city and critically looks to the streets, while making us question the fixity of the concepts of home and motherhood. Topics such as nomadic subjectivity (Rosi Braidotti), home as an ideological determinant (Rosemary George), nostalgia for return (Sandra Almeida), the exclusionary space of the city (Zygmunt Bauman, Hugo Achugar) and the different mobilities of

people in relation to matters of power (Doreen Massey) will be addressed. It is concluded that Alice's displacements are responsible for putting these topics in question, while the character discovers her autonomy, her writing and her voice.

Resumo

Este artigo objetiva demonstrar como o romance *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, possibilita ressignificar o conceito de lar, normalmente associado ao espaço do feminino e da proteção materna. Alice é uma professora aposentada que se muda a contragosto de João Pessoa para Porto Alegre, a pedido da filha Norinha, que planejava ser mãe e queria ajuda em tempo integral. Um desentendimento com a filha faz com que Alice saia para as ruas de Porto Alegre e se torne uma andarilha urbana, durante quarenta dias, dormindo nas ruas, sem lar. Ela explora a cidade e confere às ruas um olhar crítico, enquanto nos faz questionar a fixidez dos conceitos de lar e de maternidade. Serão abordados tópicos como a subjetividade nômade (Rosi Braidotti), o lar como determinante ideológico (Rosemary George), a nostalgia do retorno (Sandra Almeida), o espaço excludente da cidade (Zygmunt Bauman, Hugo Achugar) e as diferentes mobilidades das pessoas relacionadas com questões de poder (Doreen Massey). Conclui-se que os deslocamentos de Alice são responsáveis por colocar esses tópicos em pauta, enquanto a personagem descobre sua autonomia, sua escrita e sua voz.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Brazilian contemporary literature. Feminist literary criticism. Displacements. Home. Maria Valéria Rezende.

PALAVRAS CHAVE: Literatura brasileira contemporânea. Crítica literária feminista. Deslocamentos. Lar. Maria Valéria Rezende.

Texto integral

Quarenta dias (2014) é um romance escrito pela paraibana Maria Valéria Rezende, pelo qual ela ganhou o prêmio Jabuti, em 2015. No romance, Alice é uma professora de francês aposentada que se muda a contragosto de João Pessoa para Porto Alegre, a pedido da filha Norinha, que planejava ser mãe e queria ajuda em tempo integral. Alice deixa para trás um lar esvaziado, também a contragosto, após arrastarem móveis, alugarem caminhonetes e botarem cartazes de “família-venduto” (REZENDE, 2014, p. 8).

Em Porto Alegre, Alice não se identifica com o novo lar montado pela filha: “entrei neste apartamento – ainda não consigo dizer ‘em casa’, tento, mas não há jeito” (REZENDE, 2014, p. 13). Pelo contrário, ela demonstra grande estranheza: “metida nesta cozinha alheia, 'showroom' de móveis modernos, com minha

angústia e meu desacerto” (REZENDE, 2014, p. 23). Um desentendimento com a filha (Norinha muda de planos, decide deixar a mãe sozinha em Porto Alegre e viajar para a Europa para realizar uma pesquisa que poderia levar até oito meses) faz com que Alice saia para a rua, sem destino. É assim que ela se torna uma andarilha urbana durante quarenta dias. Quando retorna ao apartamento, ela relata a experiência por escrito, em formato de diário, num caderno pautado com a capa da Barbie. A Barbie se torna sua interlocutora, e esse diário é o romance que lemos.

A primeira parte do romance é dedicada a explicar como foi que tudo aconteceu – o que a levou às ruas. Nessa parte, prevalecem dois tópicos: (1) a perda do lar e a desterritorialização, (2) os conflitos com a filha e com o seu próprio papel de mãe. Ao longo da narrativa e dos deslocamentos de Alice, no entanto, esses tópicos serão questionados, o que acarretará na resignificação dos conceitos de lar e das ideias de maternidade, como será demonstrado neste artigo.

A resignificação do lar é uma característica importante das narrativas de deslocamento. Simone Schmidt observa que “a perda do lar, se por um lado é marcada pela angústia das incertezas [...], por outro lado aponta para a reinvenção de seus significados emocionais, afetivos e políticos” (SCHMIDT, 2015, p. 487). Isso pode ser especialmente importante quando se leva em conta que o lar sempre foi associado ao feminino. Segundo Sandra Almeida (2015), várias/os críticas/os demonstram essa conexão do conceito do lar com o feminino (Bennet, Brydon, Friedman, George), e Rosemary George (1996), professora indiana que lecionou literatura nos Estados Unidos, destaca que a palavra “lar” conota imediatamente “a esfera privada da hierarquia patriarcal, da autoidentidade gendrada, do abrigo, do conforto, da nutrição e da proteção” (GEORGE, 1996, p. 1). Assim, torna-se importante analisar a resignificação do conceito de lar e dos papéis associados ao feminino.

Ainda que o contexto de Alice não se configure especificamente como uma diáspora, é interessante examinar as teorias que utilizam o lar como eixo de análise dos deslocamentos de mulheres. Para Almeida, o lar, na diáspora, assume conotações que vão além desse espaço de conforto e abrigo. O lar se torna o “espaço intersticial da experiência da movência, esse entre-lugar por vezes desconfortável e instável e, por outras, emancipatório e promissor” (ALMEIDA, 2015, p. 70). Já nas palavras de bell hooks,

o lar não é mais um único lugar. São lugares. O lar é aquele lugar que propicia e promove variadas perspectivas, em constante transformação, um lugar onde o sujeito descobre novas formas de ver a realidade, fronteiras da diferença. O sujeito confronta e aceita a dispersão e a fragmentação como parte das construções de uma nova ordem mundial que revela mais plenamente onde estamos, quem podemos nos tornar¹ (HOOKS, 1991, p. 148, tradução minha).

Rosemary George (1996) aponta que a noção de lar, na ficção, não é frequentemente desafiada. É um desejo que é realizado ou negado de formas diferentes para os sujeitos construídos pela narrativa (tanto o sujeito ficcional, quanto as/os leitoras/es), um conceito que se move em torno de diferentes eixos,

“e no entanto é normalmente representado como fixo, enraizado e estável – a antítese exata da viagem²” (GEORGE, 1996, p. 2, tradução minha). A autora cita James Clifford³, que afirma que o lar pode passar a ter novas concepções, não simplesmente o território de onde a viagem parte e para onde retorna.

Ao analisar o romance *Quarenta dias* (2014), percebe-se que a narrativa busca ir além dessas concepções fixas e estáveis. Quando chega em Porto Alegre, Alice apenas se deixa levar, de carro, do aeroporto até o apartamento montado pela filha:

Está cansadíssima, não é, Maíinha?, É isso sim, filha, cansadíssima, exausta. Palavras mágicas que permitiam me levar, calada, durante quase todo o percurso noturno, que foi como não estar em cidade nenhuma, através de um desfilar de postes, luzes, portas e janelas, esquinas, todas iguais, a impressão de estar voltando sempre às mesmas ruas (REZENDE, 2014, p. 40).

O novo apartamento é descrito da seguinte forma:

Fui tangida por entre poltronas e sofás brancos atulhados de terríveis almofadas de todos os tons entre o rosa-bebê e o roxo-quaresma, grandes cubos, paralelepípedos, prateleiras, tudo branco e preto, por cima de um tapete branco felpudo. Custei a reconhecer, numa prateleira preta, parte de meus velhos livros deslocados e encabulados naquele cenário emergente de novela de televisão, entre coisas impessoais, aqui e ali a mancha cor de jerimum ou vermelho-sangue, sem história nem nexos, coisas espalhadas a esmo ou segundo uma intenção inteiramente alheia e incompreensível para mim. Será que minha filha contratou um decorador modernoso, daqueles que as próprias lojas de móveis ‘planejados’ oferecem? Imagine, Barbie, até um suposto enfeite, de louça, na forma de um peão de jogo de xadrez, branco, enorme, mais de trinta centímetros de altura, estava lá, servindo de apoio pra os livros (REZENDE, 2014, p. 40-41).

Essa configuração do apartamento faz com que ela se refira diversas vezes a ele como “o tabuleiro de xadrez” montado pela filha. E, como a narradora recorrentemente faz comparações entre a sua história e a de *Alice no país das maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, ela se pergunta quem seria a Rainha louca desse tabuleiro. Conforme Alice tenta se orientar na nova morada – onde o toque do telefone era desconhecido (p. 41) e ela dormia num quarto “sem nenhum caráter” (p. 42), mal reconhecendo, no espelho, sua própria figura fora de lugar – ela sente-se como um peão movido pela mão de outra pessoa: “uma rainha louca com a cara da minha filha passando, num átimo, pela minha imaginação” (REZENDE, 2014, p. 42).

No terceiro dia, Alice começava se ambientar no apartamento, mas a cidade continuava desconhecida:

a cidade, lá fora, suas virtudes e vícios, continuava a ser apenas uma claridade vaga salpicada de pontos de luz esparsos, a nebulosa que eu tinha atravessado, zozna de sono e revolta,

Então, no quarto dia, ela recebeu a notícia de que um projeto de pós-doutorado de Umberto, o genro, havia sido aprovado na Europa, e Norinha também tinha conseguido uma bolsa de pesquisa para ir junto. O casal partiria em menos de uma semana. A primeira reação de Alice é trancar-se no apartamento, sem vontade de falar com ninguém, nem mesmo com os/as amigos/as da Paraíba:

O que deixei para trás, o que me obrigaram a deixar para trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli. Não tinham mais nada a ver com essa estranha Alice, desenraizada, desaprumada, que nem eu mesma conhecia (REZENDE, 2014, p. 84).

Sete dias depois, ela atendeu o telefone pela primeira vez, e a prima Elizete, do outro lado da linha, pediu ajuda em nome da amiga, a Socorro, que estava procurando o filho desaparecido em Porto Alegre. O rapaz, chamado Cícero Araújo, partiu de João Pessoa para trabalhar numa construtora e depois desapareceu na capital gaúcha. Alice, sem saber ao certo por quê, acolheu o pedido de ajuda e saiu pelas ruas desconhecidas atrás do rastro do rapaz.

Nas ruas, quando foi confrontada com a ideia de voltar para casa, pensava: “que casa?” (REZENDE, 2014, p. 149). Para não ter que voltar, dormiu no saguão de um pronto-socorro, na rodoviária, nas paradas de ônibus e até mesmo embaixo de um viaduto, quando a calçada se tornou a sua casa. Alice se cobria com plástico bolha, quando fazia frio. Durante o dia, ela fazia sextas no Parque Farroupilha (ou da Redenção), onde, certa vez, acabou sendo acordada por um cachorro que lambia sua perna, e foi novamente confrontada com a ideia de não ter casa:

Na outra ponta da corrente presa à coleira do bicho estava a menina loura, não mais de sete anos, Vamos, Einstein, não faz isso, deixa a pobre dormir, coitadinha, que ela não tem casa!, mais adiante uma avó, só podia ser, ainda bem-aprumada mas a cabeça honestamente grisalha, seria avó profissional, como eu estava fadada a ser?, por gosto?, ou também a contragosto?, Vem, Raquel, se não tu vais te atrasar pra escola.

Aquele ‘ela não tem casa’ ficou ecoando no meu ouvido. Estava mesmo sem teto, a minha casa tinha sido desmanchada lá em João Pessoa, uma espécie de vergonha e coragem. Eu devia tomar juízo, levantar dali, voltar pra casa que me haviam designado e cuja chave eu trazia na bolsa. Mas não fui (REZENDE, 2014, p. 165).

Então, quando ela encontrou a Av. João Pessoa, demonstrou o que Almeida (2015) chama de nostalgia do retorno: “logo me doeu a saudade, querendo voltar pra casa, minha verdadeira casa, que ali eu não tinha nenhuma, só um pouso temporário, eu habitante provisória de agora em diante, pra sempre impermanente” (REZENDE, 2014, p. 166). Almeida (2015) utiliza como tropo de análise a nostalgia do retorno ao lar, que pode ou não estar presente nas personagens literárias das diásporas contemporâneas. A autora explica, citando Anh Hua, que “algumas mulheres diaspóricas podem não se sentir nostálgicas

porque seus lares eram locais de violência e patriarcados culturais, nacionalistas e transnacionalistas” (HUA⁴, 2005, p. 195 apud ALMEIDA, 2015, p. 92). No caso de Alice, a nostalgia está presente, ela sente falta e gostaria de voltar para casa, em João Pessoa. Assim, continua recusando o apartamento de Porto Alegre, para o qual ainda não retorna.

A ideia de não ter casa faz com que Alice lembre um dos fados de sua avó, mulher portuguesa exilada no Brasil: “qual andorinha sem ninho, que nem beiral tem... eu vou rezando um padre-nosso baixinho, pra que as pedras do caminho rezem comigo também” (REZENDE, 2014, p. 166). O conceito de ninho pode ser associado tanto ao lar quanto à maternidade – o conforto e a segurança do ninho se fazem, de certa forma, sob as asas da mãe. Alice já estava acostumada com o “ninho vazio”, em João Pessoa. Vivia sozinha, a filha tinha saído de casa, o marido tinha desaparecido – a narrativa sugere que Aldenor, o marido, fora um guerrilheiro no período da ditadura e seu desaparecimento deixou Alice aflita atrás de notícias sobre sequestros, torturas e execuções. Ela se culpava pelo ninho esfacelado, por não ter dado à Norinha uma família como a filha queria – e como depois veio a encontrar na família de Umberto, grande e unida. Por outro lado, Alice também se culpava por não ter feito mais coisas para si mesma, assim como muitas mães se culpam, pois assumem toda uma carga ideológica junto com a maternidade (de altruísmo, dedicação, renúncias). Havia um constante conflito entre a necessidade (ideológica e socialmente construída) de nutrir e acalantar o ninho, e a vontade de voar para longe.

Eu devia ter feito tudo ou pelo menos muito do que desejava nesta vida, aceitado o amor do Adalberto, que me esperou por anos, devia ter aceitado ficar um ano inteiro em Paris, mesmo tendo de deixar Norinha com a família em Boi Velho, teria até sido uma boa experiência pra ela, mas não, sempre achei que não podia nada... (REZENDE, 2014, p. 31).

Para Rosemary George (1996), assim como gênero, raça e classe, o lar atua como um determinante ideológico. A noção de pertencimento, de ter um lar, um lugar seu, é um aparato ideológico considerado necessário para a existência do sujeito. A autora explicou que a construção da noção de lar apoia-se em ideias aprendidas sobre parentesco – estendida àqueles/as que compartilham o mesmo sangue, raça, classe, gênero ou religião, e sustentadas por laços de amor, medo, poder, desejo e controle (GEORGE, 1996, p. 9). Os laços de Alice com a filha perpassavam a construção dos lares da personagem principal (da culpa ao esvaziamento do lar em João Pessoa, do rompimento à recusa do lar em Porto Alegre). A vinda de Alice para Porto Alegre, mesmo a contragosto, seria uma forma de remendar esse vínculo partido com a filha, retomar seu papel de mãe, se refazer como avó. Mas a traição de Norinha rompeu com qualquer possibilidade de reconstrução do ninho. O rompimento foi tão grande que levou Alice às ruas, numa recusa não apenas do apartamento mas também do papel de mãe altruísta e compreensiva, enclausurada no relacionamento abusivo com a filha.

Se a noção de lar é mais simbólica do que material, uma ideia mais relacionada com a família e com os afetos, percebe-se que Alice não perdeu apenas a casa em João Pessoa, mas o lar simbólico e afetivo da relação com a filha. O

romance expõe a contradição entre as diferentes perspectivas de maternidade, que variam de uma geração para a outra: Norinha sentia que precisava da presença da mãe para criar seu/sua próprio/a filho/a, de modo a não precisar abandonar a carreira que vinha construindo. Por outro lado, sentia-se à vontade para pedir que Alice abandonasse a própria vida por ela e pelo/a neto/a, e não se importou de “abandonar” a mãe, que, aliás, criou Norinha sozinha. Para a filha, o papel da mãe devota, em Alice, era compulsório. O mesmo ocorria, portanto, com o papel de “avó profissional”.

Ao contrário da Alice quieta e trancada em casa, quando ela sai para as ruas, começa o processo de refletir, pensar, ver e enunciar. De acordo com Leila Harris (2009), baseando-se na leitura que Susan Friedman⁵ fez sobre as “poéticas do deslocamento”, “o ato de partir se configura então como uma pré-condição para a fala, para a escrita, e para a possibilidade de autonomia” (HARRIS, 2009, p. 38). Assim, a personagem se conecta com a cidade como forma de sentir que pertence. Quanto mais se desloca, mais se percebe como sujeito e mais reconhece seus passos/espços. Com o decorrer dos dias, Alice aceita sua condição de “sem casa” e torna-se habitante provisória de todos os lugares e de lugar nenhum. Ela se acostuma com a vida nas calçadas e se junta a outros/as habitantes das ruas, a quem também comparava com aves sem morada certa:

Eram tantos!, aves migrantes de todas as espécies, perdidas do bando, cansadas ou extraviadas a meio do caminho, esperando sob o sol, chuva e sereno a volta do bando que as resgate?, recusam o zoológico, não se deixam aliciar pela comida fácil oferecida, medo de não ver a revoada ou de não ser encontradas quando o bando passar de volta?, preferem o ar livre, mirando o céu, à procura dos seus, ou, desde o chão, deixando passar os bandos rasteiros nos quais não se reconhecem (REZENDE, 2014, p. 237).

Sua interpretação remete à subjetividade nômade, de Rosi Braidotti (2002), filósofa e professora na Universidade de Utrecht, na Holanda. O sujeito nômade é um mito, uma ficção política, uma figuração alternativa e metafórica escolhida por Braidotti porque possibilita pensar sobre e mover-se através de categorias estabelecidas e níveis de experiência:

O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas. Assim, o nomadismo refere-se ao tipo de consciência crítica que resiste a se ajustar aos modos de pensamento e comportamento codificados. É a subversão do conjunto de convenções que define o estado nômade, não o ato literal de viajar (BRAIDOTTI, 2002, p. 10).

Sua definição se assemelha com o que argumentou Edward Said (2005 [1994]), importante crítico literário palestino que foi professor nos Estados Unidos. Para Said, o exílio é também uma condição metafórica que deriva da história social e política do deslocamento e da migração. Além disso, se refere às pessoas em conflito com a sociedade a que pertencem e, portanto, exiladas porque nunca se encontram plenamente adaptadas:

O exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e, infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação (SAID, 2005 [1994], p. 60-61).

Braidotti (2002), quanto aos sujeitos nômades, diz estar ciente de que há outras figurações construídas por feministas e que conhece as críticas à figuração que ela escolheu, porque poderia despersonalizar os sujeitos nômades e ignorar seus lugares históricos específicos ou porque acabaria sentimentalizando o exótico ou, ainda, porque não seria radical o suficiente.

Uma das autoras que critica a relativização do deslocamento é a geógrafa inglesa Doreen Massey (1944-2016), autora de *Space, place and gender* [Espaço, lugar e gênero] (2009 [1994]):

Diferentes grupos sociais, e diferentes indivíduos, estão situados de maneiras muito distintas em relação a esses fluxos e interconexões. Esse ponto diz respeito não apenas à questão de quem se move e quem não, apesar de ser um elemento importante; é também sobre poder em relação aos fluxos e ao movimento. Diferentes grupos sociais têm distintos relacionamentos com essa mobilidade diferenciada: algumas pessoas estão mais no comando do que outras; algumas iniciam os fluxos e os movimentos, outras não; algumas estão mais no lado que recebe os movimentos do que os outros; algumas estão, na verdade, aprisionadas por eles⁶ (MASSEY, 2009 [1994], p. 149, tradução minha).

Para a autora, isso imediatamente levanta questões de política, mobilidade e acesso:

Pois de fato parece que mobilidade, e o controle sobre a mobilidade, ao mesmo tempo reflete e reforça poder. Não é apenas uma questão de distribuição desigual, que algumas pessoas se movem mais do que outras, e que algumas têm mais controle do que outras. É que a mobilidade e o controle de alguns grupos podem ativamente enfraquecer outras pessoas. Diferentes mobilidades podem enfraquecer a influência dos que já são fracos. A compressão tempo-espaço⁷ de alguns grupos pode minar o poder de outros⁸ (MASSEY, 2009 [1994], p. 149, tradução minha).

Ou seja, a mobilidade das pessoas é diferente e envolve questões de poder, que dependem de fatores raciais, sociais, históricos, de local, de classe e de gênero. A visão de Alice, talvez romantizada, tem a ver com o recorte temporal da experiência, que durou apenas quarenta dias. Ela, afinal, tinha as chaves de uma casa para onde voltar e também contava com a segurança do cartão de crédito que carregava consigo. As pessoas em situação de rua talvez não se definissem assim como ela, pela falta de recursos e escolhas, ou pelo tempo prolongado da vivência na rua.

Em Porto Alegre, 2.115 pessoas estavam em situação de rua em 2016, conforme dados da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC, 2016). Quase metade deles/as (44%) está nessa condição há mais de cinco anos — 26,2% deles/as já contabilizam mais de uma década e 10% mais de 20 anos. Sabe-se que muitas administrações públicas, no Brasil, tratam essas pessoas como problemas urbanos que precisam ser removidos através de políticas higienistas. Nos últimos anos, não houve, em Porto Alegre, melhorias nos abrigos para a população em situação de rua, entre outras alternativas habitacionais que deveriam ocorrer em conexão com serviços de assistência social (SCIREA, 2016). Isso leva a outra colocação de George (1996). Para a autora, os lares são locais reconhecidos por aqueles/as que estão dentro e aqueles/as que estão fora. Apesar de flexível, portanto, o conceito segue essa mesma lógica de inclusão/exclusão. “Sua importância está no fato de que não está igualmente disponível para todos. Lar é um local desejado pelo qual as pessoas lutam e o domínio estabelecido de alguns. Não é um local neutro²” (GEORGE, 1996, p. 9, tradução minha). Assim, o romance de Maria Valéria Rezende, além de trazer reflexões sobre os deslocamentos e a impermanência (ora romantizadas e ora críticas), tem o mérito de abordar justamente esse sistema de inclusão/exclusão (das pessoas tidas como cidadãs e consumidoras e daquelas que são excluídas desse sistema).

Segundo o crítico literário uruguaio Hugo Achugar (2008), as pessoas excluídas são aquelas que estão em situação de rua, as que carecem de emprego ou que foram expulsas de seu país como migrantes, pessoas que executam trabalhos que os cidadãos não querem executar e que não têm poder de consumo. São os sujeitos que Zygmunt Bauman (2005), sociólogo polonês falecido em 2017, chamou de “consumidores falidos” ou “consumidores falhos”. Desse modo, em *Quarenta dias* (2014), Alice sente que penetrou no “avesso da cidade”, uma realidade paralela que era invisível para quem habita a superfície:

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis pra quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos e briqueles, alojamentos, pronto-socorro, portas de igrejas, de terreiros de candomblé, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes do arroio Dilúvio, nas madrugadas, sobrevivente, sestando nas praças e jardins, debaixo dos arcos e marquises, sob as cobertas das paradas de ônibus desertas, vendo o mundo de baixo pra cima, dos passantes apenas os pés (REZENDE, 2014, p. 235).

Quando Alice faz referência ao avesso da cidade, coloca em questão essa polarização entre a cidade da superfície (do espetáculo, da velocidade, do consumismo, da Barbie) e a cidade do avesso (onde habitam as identidades excluídas e marginalizadas). Percebe-se que seu olhar para a experiência nas ruas é crítico e coloca em questão essa oposição entre superfície e avesso, entre inclusão e exclusão.

Da mesma forma, segundo George (1996), as maneiras de ler o tropo “lar” podem subverter outros binarismos, como público/privado, homem/mulher, colonizador/colonizado, ocidental/restante do mundo (GEORGE, 1996, p. 9). Por

isso, é relevante que Alice desafie as noções pré-estabelecidas de lar (ao se lançar numa condição de habitante provisória, ao procurar a cada noite por um lugar diferente para dormir, ao se desprender da necessidade da proteção de paredes e de teto garantida pelo espaço privado), assim como desafie o comportamento esperado de uma mãe (assume que não queria viver em função da filha e tampouco se tornar avó profissional, não se permite confinar nos papéis que a filha reservou para ela). É esse tipo de complexidade que Braidotti (2002) defende, quando argumenta a favor das figurações de subjetividade móveis, complexas e mutantes:

Enquanto eixos de diferenciação como classe, raça, etnia, gênero, idade, e outros interagem uns com os outros na constituição da subjetividade, a noção de nomadismo se refere à ocorrência simultânea de muitos deles de uma vez. *Subjetividade nômade tem a ver com a simultaneidade de identidades complexas e multi-dimensionadas* (BRAIDOTTI, 2002, p. 10).

No final do romance, quando já estava de volta ao apartamento montado por Norinha, escrevendo no caderno da Barbie a experiência dos quarenta dias nas ruas, Alice se surpreendeu: “Vou fazer umas comprinhas, continuar a me acostumar com sair à rua e voltar pra casa. Eita!, eu disse casa. Reparou? Acho que foi a primeira vez que chamei de casa este tabuleiro de xadrez” (REZENDE, 2014, p. 153).

O final não deixa claro se ela vai ficar em Porto Alegre ou retornar para João Pessoa, ou seja, a história não se resume à nostalgia do retorno, porque tem mais relação com as transformações da personagem e de questões que ela precisava entender sobre seu papel como mãe, seu entendimento de lar e sobre si mesma: “aquela sensação de existir solta, no meio do mundo, sem nenhuma determinação alheia, mas exposta a tudo, uma conquista dura” (REZENDE, 2014, p. 13). Como conclui Almeida (2015), na obra de escritoras contemporâneas, não basta refletir sobre o espaço no qual as personagens habitam, “pois são vários os possíveis lares a serem habitados” (ALMEIDA, 2015, p. 87).

A experiência de Alice teve relação, portanto, não apenas com a ressignificação do papel de mãe e da noção de lar, mas também com esse gesto subversivo de se embrenhar por uma cidade desconhecida – mesmo sendo advertida para tomar cuidado, mesmo sendo tratada como uma senhora que precisa de dança de salão para fazer amigos ou de oficina literária para se ocupar. Ela prova sua autonomia, sua capacidade inventiva, sua facilidade para se relacionar com desconhecidos/as, de decidir sobre a própria vida e transgredir os limites impostos, assim como levanta importantes questionamentos sociais ao se tornar uma andarilha urbana.

Ainda que, em certos momentos, ocorra uma romantização das pessoas sem casa e das identidades nômades, a visão que Alice traz para a cidade e para os sistemas de inclusão e exclusão é bastante crítica. Em conclusão, o processo de deslocamento e impermanência teve relação tanto com as subjetividades da personagem (e com a descoberta que ela faz da sua identidade, da sua escrita e da sua voz), quanto com questões como o lar, o espaço do feminino e da mulher idosa, a maternidade, o poder de consumo dos/as cidadãos/ãs e as desigualdades sociais

no espaço da cidade, elementos que o romance trabalha no sentido de trazer complexidade e reflexão.

Notas

1 *"Home is no longer just one place. It is locations. Home is that place which enables and promotes varied and everchanging perspectives, a place where one discovers new ways of seeing reality, frontiers of difference. One confronts and accepts dispersal and fragmentation as part of the constructions of a new world order that reveals more fully where we are, who we can become"*.

2 *"[...] and yet it is usually represented as fixed, rooted, stable – the very antithesis of travel"*.

3 CLIFFORD, James. *The predicament of culture: twentieth century ethnography, literature and art*. Massachusetts: Harvard University Press, 1988.

4 HUA, Anh. *Diaspora and cultural memory*. In: AGNEW, Vijay (Ed.). *Diaspora, memory, and identity: a search for home*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

5 FRIEDMAN, Susan. *Bodies on the Move: a Poetics of Home and Diaspora*. *Tulsa Studies in Women's Literature*. 23.2 (2006), p. 189-212.

6 *"For it does seem that mobility, and control over mobility, both reflects and reinforces power. It is not simply a question of unequal distribution, that some people move more than others, and that some have more control than others. It is that the mobility and control of some groups can actively weaken other people. Differential mobility can weaken the leverage of the already weak. The time-space compression of some groups can undermine the power of others"*.

7 O conceito de compressão tempo-espaço vem de David Harvey (1989) e refere-se à sensação de que as dimensões de espaço e tempo foram reduzidas, devido ao desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, com grande impacto sobre a sociedade, sobre as representações de mundo e da própria vida, que parece mais rápida (BRAGA, 2002, p. 63).

8 *"For different social groups, and different individuals, are placed in very distinct ways in relation to these flows and interconnections. This point concerns not merely the issue of who moves and who doesn't, although that is an important element of it; it is also about power in relation to the flows and the movement. Different social groups have distinct relationships to this anyway differentiated mobility: some people are more in charge of it than others; some initiate flows and movement, others don't; some are more on the receiving-end of it than others; some are effectively imprisoned by it"*.

9 *"Its importance lies in the fact that it is not equally available to all. Home is the desired place that is fought for and established as the exclusive domain of a few. It is not a neutral place"*.

Referências

ACHUGAR, Hugo. **Culpas y memorias em las modernidades locales**: balbucesos fragmentarios so pretexto de "el flâneur" de Walter Benjamin. *Revista eletrónica de estudios filológicos*, n. 16, s.p., dezembro 2008. Disponível em: <<https://www.um.es/tonosdigital/znum16/secciones/estudios-1.htm>>. Acesso em julho de 2017.

ALMEIDA, Sandra G. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAIDOTTI, Rosi. **Diferença, diversidade e subjetividade nômade**. Tradução de Roberta Barbosa. Revista de estudos feministas Labrys, número 1-2, p. 1-16, julho/dezembro 2002. Disponível em: <http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf>. Acesso em agosto de 2016.

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA. **Estudos quanti-qualitativos população em situação de rua de Porto Alegre**. 2016. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cs/usu_doc/15122016-pesquisa_fasc.pdf>. Acesso em julho de 2017.

GEORGE, Rosemary. **The politics of home: postcolonial relocations and twentieth century fiction**. Berkeley: University of California Press, 1996.

HARRIS, Leila A. Espaços discursivos, geográficos e afetivos na literatura diaspórica contemporânea. In: _____. **A voz e o olhar do outro**, v.1. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2009. p. 36-45. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/vozhlaroutro/volume001/003.pdf>>. Acesso em novembro de 2017.

HOOKS, bell. **Yearning: race, gender, and cultural politics**. London: Turnaround, 1991.

MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

PINHEIRO, Leandro. **As periferias de Porto Alegre: suas pertencas, redes e astúcias**. Bases para compreender seus saberes e dinâmicas éticas. Instituto Humanitas Unisinos [on-line]. 2016. Entrevista concedida a Patricia Fachin. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/558958-periferias-de-porto-alegre-contingente-populacional-supera-o-de-muitas-cidades-gauchas-entrevista-especial-com-leandro-pinheiro>>. Acesso em novembro de 2017.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SAID, Edward. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHMIDT, Simone P. **Ainda o feminismo, ou o feminismo ainda mais**. In: KAMITA, Rosana; FONTES, Luísa (Orgs.). **Mulher e literatura: vozes consequentes**. Florianópolis: Mulheres, 2015. p. 481-497.

SCIREA, Bruna. **Em oito anos, população de rua de Porto Alegre cresce 75%**. Zero Hora, Porto Alegre, Dezembro 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/12/em-oito-anos-populacao-de-rua-de-porto-alegrecresce-75-8767200.html>>. Acesso em julho de 2017.

Para citar este artigo

STOLL, D. S. A resignificação do conceito de lar em quarenta dias, de Maria Valéria Rezende. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 1., 2019, p. 18-30.

30

O Autor

Daniela Schricke Stoll é doutoranda no programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em Literatura pela mesma universidade (2017). É membro da comissão editorial da revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC) e integrante do Núcleo Literatual (Núcleo de Literatura Brasileira Atual - Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade). Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo (UFSC, 2010).